

tecendo algodão

saberes e práticas das mulheres wajãpi

Nós, Wajãpi do Amapari, moramos no estado do Amapá, na Terra Indígena Wajãpi (TIW).

Antes da chegada da Funai, nós já conhecíamos não indígenas, como caçadores e garimpeiros, que circulavam pelo nosso território. As pessoas mais velhas de hoje ainda eram crianças quando os garimpeiros chegaram. Eles trabalhavam com ouro. Trouxeram ferramentas, sal, açúcar, roupas velhas e cachaça, que trocávamos pelas nossas coisas. Também trouxeram doenças. No contato com eles, muitas pessoas morreram de sarampo e gripe.

A Funai chegou em 1973, quando o governo estava construindo a rodovia Perimetral Norte em nosso território. Trouxe facão, pano, fósforo, espingarda, panela, rede e remédios, deixando os Wajãpi felizes. Então a Funai juntou todos os sobreviventes das epidemias, que moravam em regiões diferentes, no posto do Tataira. Tinham sobrado só 150 pessoas.

Com a Funai, foi iniciado o processo de identificação e delimitação da nossa Terra Indígena, que demorou muitos anos. Conseguimos expulsar os garimpeiros na década de 1980. A demarcação só foi concluída e homologada em 1996. Muitos Wajãpi trabalharam na abertura das picadas de demarcação e até hoje trabalhamos para manter essas picadas sempre limpas e evitar invasões.

Nossa população voltou a crescer e as famílias voltaram a fazer suas aldeias em regiões onde viviam antes. Nós Wajãpi temos vários subgrupos, que chamamos de wanã kõ. Cada subgrupo vem de uma região diferente e tem conhecimentos, sotaques, histórias e festas diferentes. Atualmente somos mais de 2 mil pessoas e temos mais de 140 aldeias na TIW. Nossas famílias costumam ter mais de uma aldeia e circular entre elas. A mobilidade territorial é muito importante no nosso modo de vida.

• • • • •

Este livro foi produzido em quatro oficinas realizadas entre 2024 e 2025, reunindo mulheres de diferentes gerações e diferentes grupos locais wajãpi, com o objetivo de sistematizar e divulgar saberes e práticas relacionados à sua tecelagem de algodão. O livro possui uma versão em língua wajãpi, para uso interno das comunidades, e outra em português, para divulgação externa.

A produção dos livros foi a última etapa de um conjunto de atividades voltadas ao fortalecimento da transmissão de conhecimentos tradicionais entre as gerações, que incluiu também oficinas práticas e rodas de conversa para a transmissão de técnicas produtivas e uma ampla gama de saberes associados. O processo envolveu ainda a realização de pesquisas e registros audiovisuais por jovens de diferentes regiões da TIW.

Todo esse trabalho fez parte do projeto “Nossas terras, nossas aldeias”, desenvolvido pelo Iepé nas Terras Indígenas do Amapá e norte do Pará entre 2022 e 2026, com apoio da União Europeia.

tecendo algodão

saberes e práticas das mulheres wajãpi

Ajareaty Waiãpi
Amã’i Waiãpi
Ariwaka Waiãpi
Inarina Waiapi
Jakamĩ Waiãpi
Jakiani Waiãpi
Kasawa Waiãpi
Koni Waiãpi
Kuriãni Waiãpi
Loli Waiãpi
Macileni Waiãpi
Maitani Waiãpi
Majaira Waiãpi
Makyreisã Waiãpi
Manara Waiãpi
Marinau Waiãpi
Masoni Waiãpi
Matareni Waiãpi
Mawi Waiãpi
Nakirumy Waiãpi
Narini Waiãpi
Nasaina Waiãpi
Natu Waiãpi
Nawyka Waiapi
Nini Waiãpi
Nintania Waiãpi
Pakitu Waiãpi
Pamy Waiãpi
Pi’i Waiãpi
Pororipa Waiãpi
Ronai Waiãpi
Saira Waiãpi
Sanã Waiãpi
Sare Waiãpi
Seriani Waiãpi
Sĩgau Waiãpi
Susaira Waiãpi
Susana Waiãpi
Tainara Waiãpi
Tariani Waiãpi
Tarieni Waiãpi

Iepé 2026

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada para que se organizem e atuem em defesa de seus direitos e interesses, enfrentando de forma articulada os desafios que se colocam hoje para suas comunidades e organizações.

Conselho Diretor: Marina Kahn (presidente), Lúcia Hussak Van Velthem (vice) e Ruben Caixeta de Queiroz

Conselho Editorial: Denise Fajardo, Dominique T. Gallois, Luis Donisete B. Grupioni, Lúcia H. Van Velthem e Lux B. Vidal

Coordenação Executiva: Luis Donisete B. Grupioni

Programa Wajãpi: Juliana Rosalen e Lúcia Szmrecsányi (coordenadoras), Daniel Maciel, Giovani Musial, Gutcha Ramil Magalhães, Lorena de Lima, Rodrigo Siqueira Ferreira, Valdemir Furtado e Yasmim Oliveira

Produção do livro
Coordenação das oficinas: Geórgia de Macedo Garcia e Gutcha Ramil Magalhães
Edição e revisão dos textos: Geórgia de Macedo Garcia, Gutcha Ramil Magalhães, Juliana Rosalen e Lúcia Szmrecsányi
Capa e projeto gráfico: Luciano Pessoa
Fotos: Ana Mendes, Gutcha Ramil Magalhães, Isabel Ramil, Keulia Waiãpi, Loli Waiãpi, Natu Waiãpi, Susana Waiãpi

Realização

Apoio à produção e publicação do livro

União Europeia

Rainforest Foundation Norway

Índice

07 **Nossa tecelagem é conhecimento das mulheres**

11 **Como nossas avós aprenderam a usar o algodão**

20 **O dono do algodão**

25 **Como plantamos**

31 **Como aprendemos e ensinamos a tecer**

35 **O que produzimos com nosso algodão**

40 **Como fazemos nossa tecelagem**

52 **Outros usos do algodão**

Nossa tecelagem é
conhecimento das mulheres



Nós mulheres wajãpi conhecemos bem e sabemos trabalhar com o algodão. Este é um trabalho das mulheres e que contribui para nossa cultura ficar forte. Os homens não trabalham com algodão, só as mulheres. As mães e as avós ensinam as meninas jovens. Com calma é que fiamos o algodão. Precisamos pensar muito durante esse trabalho, por isso ficamos com boa memória.

Se nós não ensinarmos para nossas filhas e nossas netas, elas não vão aprender. As meninas começam a aprender a fiar algodão com sete anos de idade, mais ou menos. Primeiro fazemos um fuso (*re'ã*) pequeno para a menina. Ela vai aprendendo a fiar junto com a mãe e a avó; não pode fiar sozinha, senão não vai aprender bem. Tem que fazer junto com as conhecedoras.

Depois, quando já tem mais ou menos 12 anos e já aprendeu a tecer bem, a menina já pode casar, porque já sabe fazer rede para o marido e tipoia para os filhos. Nossas avós falavam muito: "Se não aprender a fazer tipoia, como é que vai carregar teus filhos? Teu marido vai dormir no chão? Tua filha vai dormir no chão igual cachorro? Tu vai dormir na folha de milho? Será que tu vai encontrar folha de milho? Vai plantar? Quem vai querer casar contigo?" As moças ficavam preocupadas e aprendiam. Antigamente era assim. Nós escutávamos bem nossas mães e avós, trabalhávamos bem. Todo dia as moças tiravam o algodão e fiavam juntas, e trabalhavam bem. "Se você não sabe fiar algodão, como vai ensinar suas filhas?"

Na nossa cultura é muito importante a produção da tecelagem. E importante as mulheres aprenderem bem, pois é um conhecimento nosso, antigo, que vem sendo transmitido de geração em geração. Antigamente, as nossas avós ensinavam as filhas delas desde crianças, para aprenderem e repassarem o conhecimento para suas netas. Mas hoje em dia as jovens não estão muito interessadas em aprender a trabalhar com algodão. Hoje em dia poucas de nós dormimos nas nossas redes tradicionais. A maioria dos Wajãpi dorme em redes industrializadas, que são fáceis de comprar.

Fazer redes do nosso jeito dá muito trabalho. Primeiro plantamos a semente de algodão, esperamos a época de espocar os frutos, colhemos e colocamos o algodão no sol para secar, para espantar os insetos. Depois que tiramos as sementes, temos que bater o algodão na esteira mitu (esteira feita de fibra de bacaba) e fiar muito fio de algodão, para fazer muitos novelos, e juntar fio com fio, para assim começar a fazer uma rede. Demora bastante para fazer uma rede do início até o fim, leva mais ou menos um ano e meio para terminar. E por isso que hoje em dia algumas mulheres não fazem, principalmente as mulheres jovens que estão estudando, se envolvendo com os trabalhos das organizações wajãpi e outros. Mesmo assim, ainda hoje algumas mulheres fazem redes para vender ou para usar.

Hoje em dia muitas de nós gostamos de tecer com fios industrializados, que são bem coloridos e já vêm prontos. Com esses fios fazemos tipoias, bolsas e cintos com nossos grafismos tradicionais e também inventamos ou copiamos desenhos diferentes. Aprendemos a fazer crochê com não indígenas e também usamos essa técnica para tecer nossos cintos com grafismos e desenhos. Fazemos essas tipoias, cintos, bolsas e outras peças tanto para usar quanto para vender. Hoje em dia, nem todas as mulheres wajãpi respeitam as regras de uso das tipoias com grafismo como antigamente, muitas carregam as crianças em tipoias com qualquer grafismo.

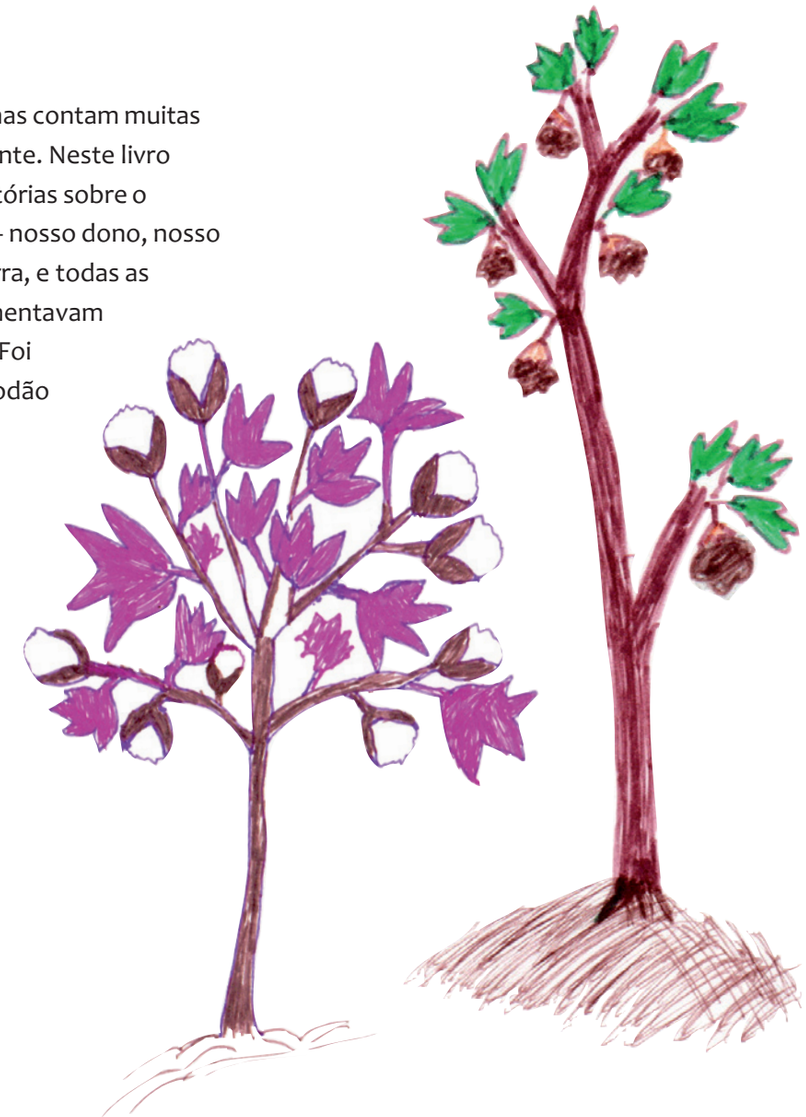
As coisas e os conhecimentos dos não indígenas são dominantes e estão afetando os nossos conhecimentos e práticas, inclusive nossa tecelagem e nossa produção de redes. Além da escola, as novas tecnologias, como celular, internet e redes sociais, também entraram nas nossas aldeias. Por isso as mulheres jovens não estão tão interessadas em aprender nossos conhecimentos tradicionais. Elas não estão mais acompanhando os trabalhos e conversando com suas mães e avós, passam muito tempo no celular. Não estão aprendendo na prática, no dia a dia. Por isso nós pensamos que é importante fazer livros e filmes

para fortalecer o conhecimento das mulheres wajãpi sobre o algodão e a tecelagem.

Nós estamos preocupadas com a perda dos conhecimentos das nossas avós. Por isso resolvemos fazer oficinas de tecelagem, para ensinar as crianças e jovens na prática, e também ajudamos as mulheres jovens a fazer pesquisas e filmes sobre nossos trabalhos com algodão. As conhecedoras contaram histórias e deram explicações sobre o algodão e a tecelagem para a gente escrever e filmar. Assim nós mulheres estamos ensinando e aprendendo bem, fortalecendo os nossos conhecimentos tradicionais de tecelagem.

Como nossas avós aprenderam a usar o algodão

As mulheres mais velhas contam muitas histórias sobre antigamente. Neste livro registramos algumas histórias sobre o tempo em que Janejarã – nosso dono, nosso criador – vivia aqui na terra, e todas as coisas falavam, se movimentavam e trabalhavam sozinhas. Foi Janejarã quem deu o algodão para nossa avó. Também registramos histórias que contam como as mulheres wajãpi pegaram as sementes do algodão da coruja *urukure'a*, do papagaio *kure* e do morcego, e como aprenderam com a aranha a fazer fios bem compridos e fortes.



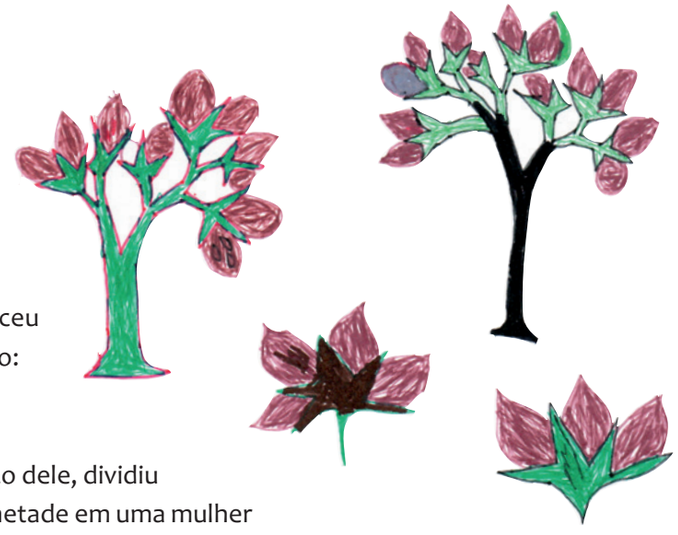


No tempo de Janejarã

Antigamente, o algodão se fiava sozinho. Não só ele se fiava sozinho, como também as redes, as tipoias e as saias se teciam sozinhas. Mas a nossa avó não queria que o algodão se fiasse sozinho, então pediu para Janejarã ensinar ela a fiar com as próprias mãos. Ela disse que queria trabalhar, não queria ficar só olhando. Janejarã disse: "Tu vai demorar muito para fiar, não vai acostumar, vai ficar com as mãos cansadas." Mas ela respondeu: "Não, eu quero fazer eu mesma, eu vou conseguir!" Ele ficou bravo e disse que então não iria fazer mais nada para ela. Janejarã mandou o princípio vital (*i'ã*) para as mãos da nossa avó, e a partir daquele momento a fiação e tecelagem do algodão se transformaram em trabalhos das mulheres, como são até hoje.

Antigamente, nosso dono Janejarã vivia na terra sozinho, só ele. Não

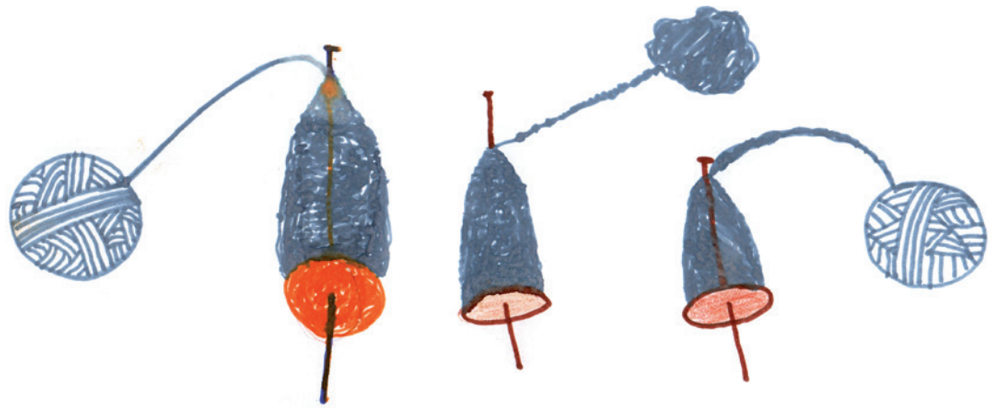




tinha ninguém para conversar. Ele pensava: "Como vou criar pessoas iguais a mim?" Então ele criou o primeiro homem. Ele só falou e, de repente, o homem apareceu igual a ele. Então ele pensou de novo: "Vou criar a esposa dele." Quando o homem dormiu muito, o nosso dono aproveitou e cortou um pedaço dele, dividiu o homem no meio, e transformou metade em uma mulher para ele se casar. Depois ele criou primeiro o tamanduá e o *wariri* (outro tipo de tamanduá). "Vou criar sua alimentação", ele disse. Assim foram criados todos os animais.

Naquela época, todos os trabalhos se faziam sozinhos: a roça se derrubava sozinha, todas as plantações cresciam sozinhas, todas as comidas diferentes se cozinhavam sozinhas, toda floresta crescia sozinha. Nesse tempo todos falavam, e foi assim que aprendemos os nomes de todas as coisas.

Antigamente não tinha o algodão, não tinha nada. Todas as coisas aconteciam através da fala do Janejarã. Era só ele falar que, de repente, aparecia o algodão e se transformava em rede para ele dormir. Conforme ele foi falando, a rede foi se transformando em vários tipos de rede diferente: *sawyra*, *ini kea*, *tumujukwerã*. Então nossa avó perguntou para ele: "Como você faz rede? Mostra para mim?" Janejarã



mostrou para ela ver, como se fosse na televisão, e ela observou o algodão trabalhando sozinho. A semente de algodão se tirava sozinha, se fiava sozinha, juntava fio com fio com fuso grande, e fazia o novelo grande. Depois o fio fazia cada tipo de tecelagem diferente sozinho: tipos diferentes de tipoia, de redes, saia, colar, tudo. Naquela época tudo falava seu nome, por isso que nós sabemos os nomes de todas as coisas hoje em dia.

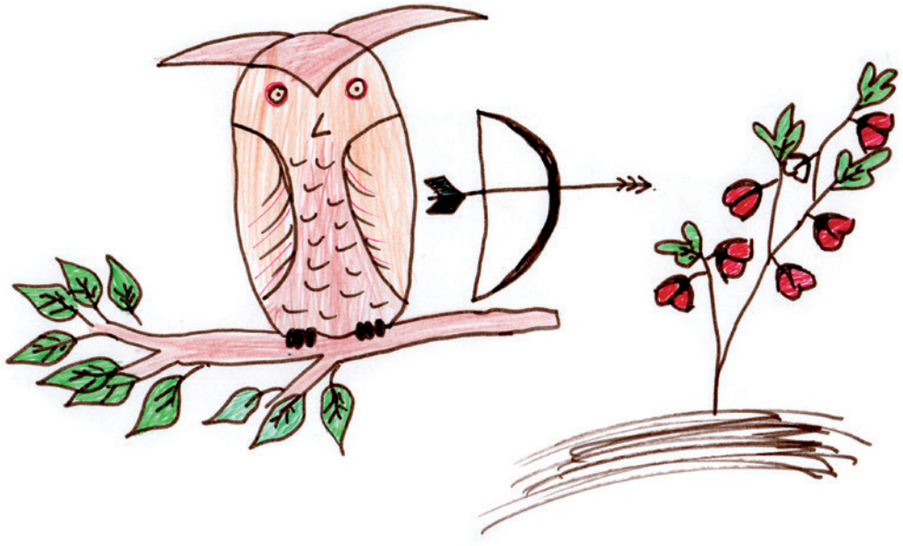
Tinham várias festas diferentes, como a festa do pacu, festa do surubim, festa do aracu, festa do maracá, festa da borboleta e outras. Cada festa com seus cantos diferentes. Nessa época, o fio de algodão ia sozinho e amarrava todos os objetos das festas para eles dançarem sem cair. Na festa do pássaro *tapenã*, o algodão se batia sozinho na esteira *mitu* e se preparava para embrulhar a miniatura do pássaro usada na festa.

Origem do algodão *urukure'a*

Antigamente nossas avós não tinham o algodão marrom que chamamos de *urukure'a*. A dona desse algodão é a coruja *urukure'a*.

As corujas enxergam bem à noite. Então, naquele tempo, era à noite que elas trabalhavam, que plantavam algodão, plantavam pupunha, cortavam lenha, faziam suas redes. Antigamente as corujas eram iguais à gente e também falavam na nossa língua. A coruja *urukure'a* é muito brava, por isso ela não deixava ninguém pegar suas sementes de algodão. Era perigoso tentar pegar sem autorização, porque a pessoa podia ser flechada pelas corujas.

Mas as corujas não enxergam de dia, então nossas avós resolveram tentar roubar o algodão delas de manhã, quando todos estavam dormindo na aldeia delas. Primeiro nossas avós foram só olhar, para ver tudo o que tinha lá. Elas viram que o algodão da coruja era muito bonito, marrom, diferente das variedades de algodão que elas já tinham. Então,



voltaram para sua própria aldeia, se organizaram e retornaram para a aldeia da coruja na manhã seguinte para buscar sementes do algodão marrom e outras coisas que elas queriam.

Quando chegou a noite, a coruja *urukure´a* acordou e começou a gritar "Quem passou por aqui? Roubaram meu algodão! Roubaram minha plantação! Vamos acender breu para encontrar quem roubou! Vamos flechar os ladrões!" Mas as corujas não encontraram ninguém, porque nossas avós já estavam muito longe, no caminho de casa. As mães das nossas avós estavam esperando preocupadas: "Será que a coruja vai matar minha filha? Será que minha filha vai trazer um algodão diferente para mim?" Quando viram as filhas chegando com muito



algodão diferente, ficaram muito felizes e logo foram plantar, espalhando o algodão marrom para suas comunidades. Por isso que existe até agora algodão de *urukure´a*.

O algodão do papagaio *kure*

Uma vez, durante uma festa, no tempo dos nossos avós, todas as mulheres e crianças desapareceram durante a noite, enquanto os homens dormiam. Quando acordaram, de manhã cedo, começaram a procurar as mulheres e as crianças. Aí perguntaram para um papagaio que tinha sido criado por uma das mulheres: "Cadê tua dona?" O papagaio respondeu: "*Paraku*!"

Os homens saíram procurando as mulheres. As pombas estavam cantando de manhã e os homens foram atrás do canto delas, pensando que encontrariam suas esposas. Mas quando chegaram lá em cima, onde elas estavam, as pombas voaram. Então os homens começaram a procurar no mato. Enquanto isso, o papagaio tirou a roupa dele, que são suas penas, e foi para a roça pegar mandioca. O papagaio tinha vergonha de ralar mandioca na frente dos homens, então ralou rápido, fez beiju e colocou na peneira. Mas não apareceu ninguém para comer, então o papagaio foi tomar banho e colocou sua roupa de novo.

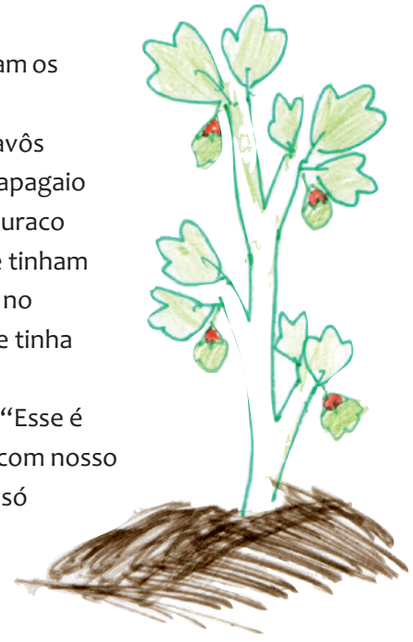
Quando chegaram, os homens ficaram animados, achando que suas mulheres tinham voltado e feito beiju. Mas como não viram as mulheres, perguntaram para o papagaio quem tinha feito a comida. O papagaio só conseguia responder: "*Paraku*!" Ele não conseguia falar.

No dia seguinte, os homens saíram de novo para procurar as mulheres, mas alguns se esconderam no mato para ver quem estava ralando mandioca e fazendo beiju enquanto eles saíam. O papagaio fez tudo de novo, porque não viu que estava sendo observado. Quando os homens entraram na aldeia, o papagaio correu para pegar sua roupa, mas não deu

tempo: nossos avôs jogaram a roupa fora, e essas penas viraram os papagaios que existem até hoje.

O papagaio ficou com vergonha, sem roupa. Então nossos avôs perguntaram de novo para ele onde estavam as mulheres. O papagaio disse que tinha visto as mulheres e levou nossos avôs até um buraco tampado. Abriu a tampa e disse que elas estavam todas lá, que tinham sido levadas pelo sapo *kunawaru*. Os homens tentaram entrar no buraco para buscar as mulheres, mas não conseguiram, porque tinha muita caba lá dentro.

Depois, Janejarã deu algodão para o papagaio *kure* e disse: "Esse é seu algodão." Ele transformou *kure* em uma moça, que casou com nosso avô e engravidou. Isso não aconteceu em todos os lugares, foi só naquela aldeia. As mulheres das outras regiões não sabiam o que tinha acontecido naquela aldeia. Kure estava sempre grávida, mas só tinha filhas mulheres. Por isso rápido todo mundo daquela aldeia conseguiu casar de novo com as filhas de Kure.

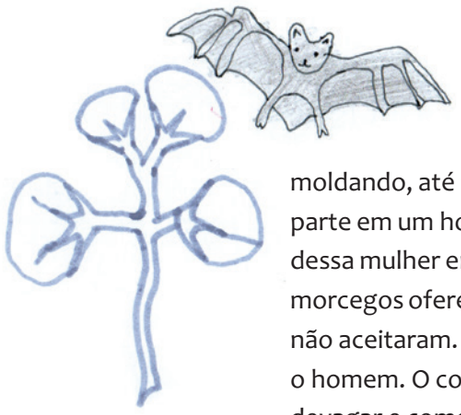


Só depois que as pessoas de outras regiões estiveram lá e conheceram essa história que nossos avós contaram, que Janejarã tinha transformado o papagaio *kure* em uma moça e dado um algodão para ela. Por isso, o algodão *kure* não é bravo, cresce bem em todos os lugares.

O algodão do morcego *anyrau*

Antigamente, nosso antepassado foi mordido no nariz pelo morcego grande (*anyrau*). Em pouco tempo ele morreu e seu corpo começou a mofar e ficar mole. Na caverna onde ele morreu, os morcegos começaram a dividir o seu corpo em duas partes, amassando e





moldando, até transformar uma parte do corpo em uma mulher e outra parte em um homem. Depois de um tempo os corpos desse homem e dessa mulher endureceram, e os morcegos colocaram eles nas redes. Os morcegos ofereceram mingau de massa de mandioca para eles, mas eles não aceitaram. Então os morcegos levaram a mulher para deitar com o homem. O corpo do homem começou a tremer, foi acordando bem devagar e começou a falar.

Esse homem ficou igual ao que era antes, mas ele via os morcegos como gente e assim foi vendo as plantações deles, como manivas, algodão e outras plantas. Esse homem, que é nosso antepassado, falou para os morcegos que queria voltar para a casa dele. Então os morcegos embrulharam algodão, deram manivas e beiju para ele levar. Os morcegos ficaram com a mulher, ela não voltou junto com o homem.

O nosso antepassado chegou na aldeia onde morava e falou para a mãe dele plantar as sementes de algodão e as manivas que tinha levado. No verão, o algodão começou a dar fruto e os frutos começaram a espocar. A mãe dele começou a colher e tirar sementes de



algodão, e logo em seguida começou a bater algodão com vara de buriti. Ela fez uma grande quantidade de algodão batido e o filho foi colocando um em cima do outro. Depois o filho dela transformou o algodão batido em uma rede e falou para mãe se deitar. Mas a mãe não quis, ficou com medo porque achou que a rede iria rasgar. O filho falou que não ia rasgar, mas ela não acreditou. Então ele falou para ela: "Desse jeito, vocês sempre vão ter que fiar algodão para fazer as redes!" Depois disso, todas as mulheres wajãpi precisaram fiar e tecer suas próprias redes.

Nossas avós aprenderam com a aranha

Antigamente, no tempo em que os animais falavam na nossa língua, quando nossas avós estavam tecendo elas falavam para a aranha: "*Eaperõperõ kõ einimo janu.*" ("Aranha, coloca mais fio no meu novelo para não acabar"). Então a aranha colocava mais fio, e o novelo nunca acabava. Hoje em dia a aranha não fala mais na nossa língua, não conseguimos mais ver ela como gente, mas continuamos falando para ela deixar nosso fio bem comprido quando estamos tecendo.

Antigamente, quando nosso dono Janejarã estava aqui, o novelo (*nimo apu'a*) era pequeno, parecia que ia acabar rápido. Então ele mesmo, o novelo, pedia para a dona da aranha: "Aranha, me dá mais do teu fio, para eu não acabar". Então aquele fio de algodão, que parecia que ia acabar rápido, nunca acabava, ficava comprido, comprido. Até hoje nós falamos com a dona da aranha quando estamos tecendo. Por isso que conseguimos fazer uma rede com dois novelos – porque a aranha nos ajuda a deixar o fio bem comprido.

Também colocamos um fio de teia de aranha no braço das meninas e moças, como uma pulseira, para no futuro elas fazerem fios bem fortes, que não arrebentam fácil.

O dono do algodão





Para nós, tudo tem dono (*ijarã*): a terra, a água, as montanhas, as árvores, a mata os animais, as plantas, os seres humanos etc. Cada ser, cada coisa, tem um dono que cuida dele. Hoje em dia, geralmente esses donos são invisíveis para nós – mas os pajés conseguem vê-los.

O algodão também tem seu dono, que não vemos, mas conversamos com ele quando plantamos o algodão, para ele ficar feliz. Nós dizemos: "*Pirisi amynyju votẽ pe'yte sikõ ejane mynyju*", que significa: "Algodão, cresce e espoca bem, igual ao algodão de periquito!" Algodão de periquito é uma árvore grande que solta sua semente dentro de uma fibra bege, que cai voando, bem bonita. Quando está na época, essa árvore solta muita fibra, e então o dono chama os periquitos, que gostam muito de comer a semente. Eles comem e espalham essa semente por outros lugares.





Quando colhemos o algodão, também conversamos com seu dono para ele ficar feliz. Dizemos para o dono que não vamos mexer com ele, só vamos pegar o algodão, pedimos para não ficar bravo. "*Mynyju rory*" quer dizer que o dono do algodão está feliz.

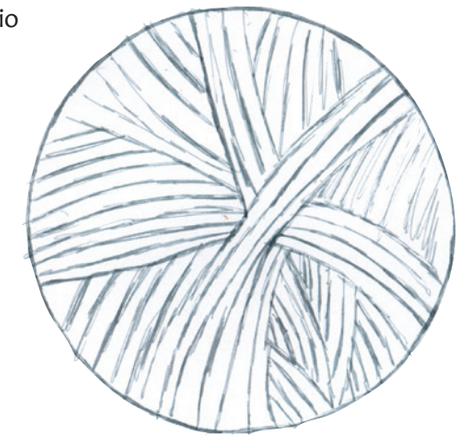
Quando estamos menstruadas, não podemos colher o algodão porque o dono pode fazer doer os nossos braços e nos deixar com febre. Ele fica bravo quando vamos mexer na sua casa, na sua plantação, se estamos com cheiro de sangue nas mãos. Nós não percebemos, pensamos que estamos limpas, mas ele sente. As mulheres que estão em resguardo depois do parto também não podem mexer com algodão, porque ainda sangram muito, então o dono do algodão pode fazer mal para elas. Elas não podem tirar o algodão do pé, mas podem fiar e tecer. Quando o bebê é recém-nascido, o princípio vital da criança ainda não está bem preso no corpo dela, ainda está muito ligado à mãe. Então os donos podem afetar os bebês através das mães – é muito perigoso. Por isso quem tem filho recém-nascido também



não pode mexer no algodão. Quando a mãe não respeita o resguardo, a criança pode ter muita febre. Então a mãe vai conversar com o pajé para saber por que seu filho está com febre que nunca passa, e o pajé vai ver que o princípio vital da criança está lá na casa do dono do algodão. Para curar a criança, o pajé precisa negociar com o dono para trazer de volta o princípio vital dela.

Logo que a mulher tem seu primeiro filho, ela não pode fiar o fio fino de algodão (*nimo'i*), senão a criança não vai conseguir fazer xixi. O princípio vital do bebê ainda não está forte, e pode ser fiado junto com o algodão. Quando isso acontece, a criança fica com febre e não consegue fazer xixi. Quando a mãe consulta o pajé, ele vê que o princípio vital da criança está dentro do fio, por isso ela está doente. Ele diz que foi o dono do algodão que fez a mãe fiar o *i'ã* da criança junto com o algodão. Por isso a mãe precisa esperar a criança crescer um pouco e ficar mais forte para fazer esse trabalho. Quando o princípio vital fica mais firme no corpo da criança, isso não acontece mais.

Depois de dois ciclos completos da lua (*morijõ jay*), a mãe pode começar a fiar o fio grosso de algodão (*nimo pou*). Nesse período ela ainda não pode bater o algodão na esteira *mitu*, porque o princípio vital da criança ainda pode ser batido junto com o algodão, e a criança pode ficar doente. A mãe tem que esperar três ciclos da lua (*moapy jay*) para poder colher o algodão, tirar sua semente, bater a fibra na esteira *mitu* e fiar fios finos. Quando a criança já está maior, o dono do algodão não vê o princípio vital dela junto da mãe.



No nascimento do segundo, terceiro e outros filhos, o tempo de resguardo da mãe depois do parto pode ser um pouco mais curto. Durante esses períodos de resguardo, sua própria mãe e sua avó preparam o algodão para a mulher fiar, entregando para ela a fibra sem sementes e já batida, pronta para ela trabalhar.

São muitos os cuidados que precisamos ter nos períodos de resguardo, quando estamos com bebês recém-nascidos, especialmente na nossa primeira gestação. Também tomamos muitos cuidados na nossa vida cotidiana para respeitar os donos de cada coisa. Assim, temos que cuidar bem do algodão para ele crescer, sempre respeitando seu dono. Por exemplo: as crianças não podem brincar com as flores do algodão, porque o dono fica bravo. "Não pode mexer na minha plantação!", ele fala. Só o pajé consegue ouvir. Se a criança mexer, o dono do algodão pode capturar o princípio vital dela.



Como plantamos

Muitas variedades

As nossas avós ensinaram a gente a plantar várias sementes de algodão. Temos variedades de algodão de diferentes tons de marrom, branco e outros. Temos vários tipos e nomes de algodão: *tapupurã, kure amynyju, mynyju wasu, urukure'a mynyju, akyky amynyju, mynyju pirã, mynyju tã´ãi omy, a´y amynyju, mynyju nimo´í´y, mynyju syry, mynyju tã´ãi atã, mynyju siri* e *mynyju tã´ãi avitu*. Esses são tipos de algodão que plantamos até hoje.



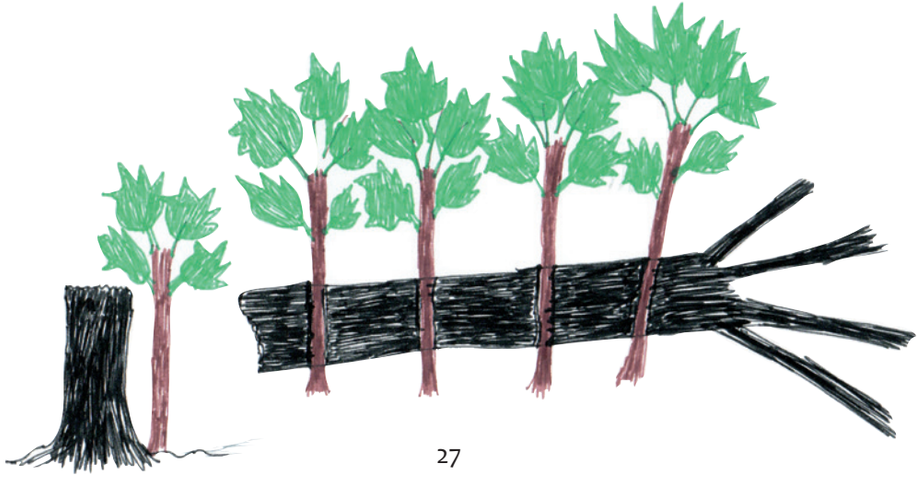


Onde plantamos

Nós plantamos o algodão nas nossas roças, mas não em qualquer lugar: plantamos no meio das cinzas e nos tocos de árvores queimadas. Também plantamos algodão perto das nossas casas. Temos a época certa de plantar o algodão. Então ele cresce, dá flor, dá fruta, espoca (abre) e depois colhemos.

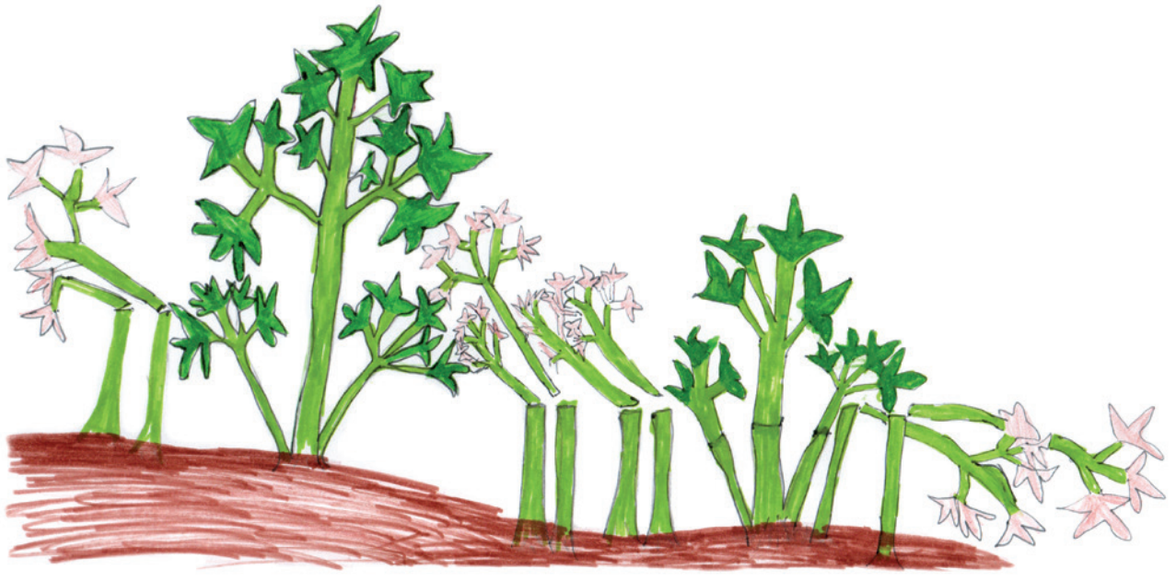


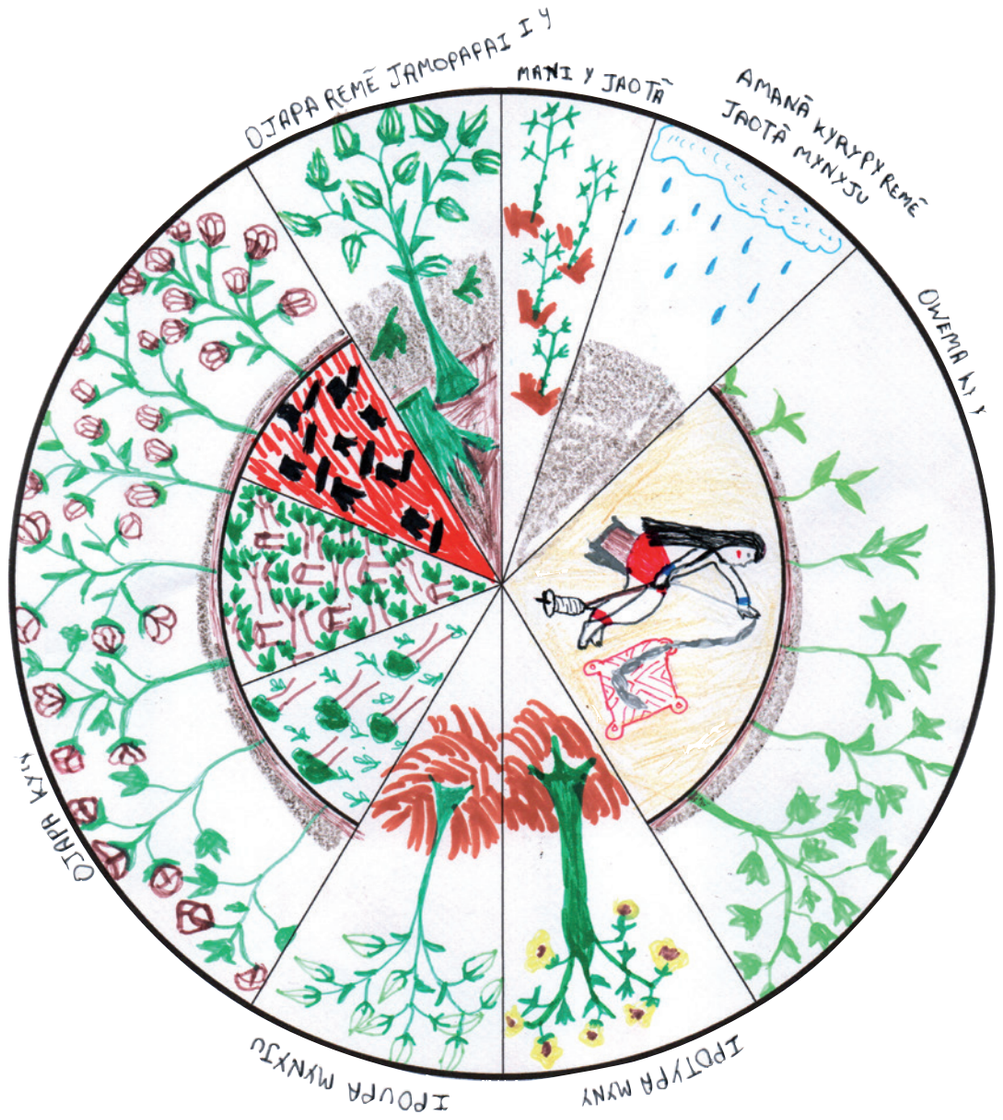




Ciclo do algodão

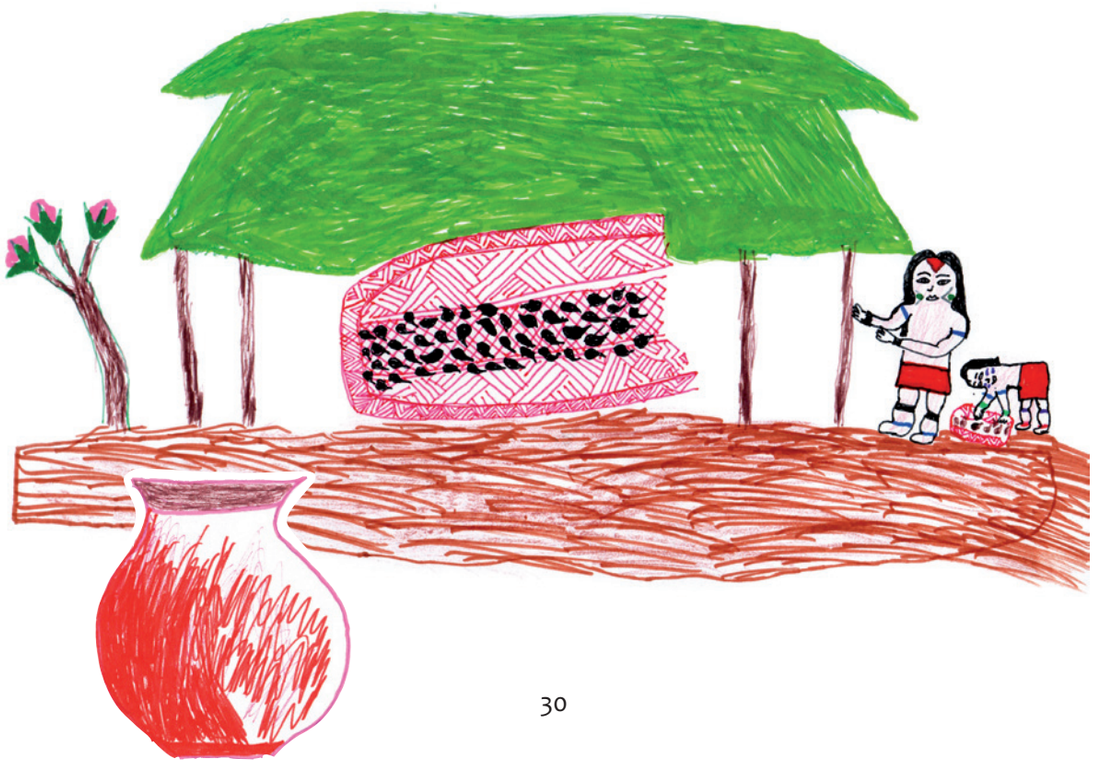
O ciclo do algodão, no conhecimento wajãpi, começa no verão, quando a gente queima a mata no lugar onde vamos fazer nossa roça. Nessa época não plantamos o algodão, porque a terra está muito quente. Esperamos o início das chuvas – o início do inverno, quando a terra já esfriou um pouco – para plantar as sementes. Se plantarmos o algodão no verão, quando a terra ainda está muito quente, ele não vai crescer bem, não vai ficar feliz (*naoryi*). Quando plantamos no tempo certo, a semente nasce bem, depois o pé cresce e já dá flores no começo do verão. Logo depois, os frutos começam a se formar, vão crescendo e começam a abrir devagarinho. Quando chega o meio do verão, a maioria dos frutos amadurece e abre, e nós colhemos o algodão. No final no verão, quando o algodão não brota mais, a gente poda o pé para ele crescer forte de novo.





Quando colhemos o algodão, deixamos as fibras no sol para secar. Deixamos no sereno, até de manhã cedo, e depois deixamos novamente secar bem no sol. Antes de guardar, colocamos as fibras em uma peneira *rykyry*, sacudimos bem para limpar, tirar folhas e espantar a sujeira. Quando já está limpo, embrulhamos bem com folha de arumã e colocamos em um cesto *panakõ* ou *rykyry*, que guardamos na parte de dentro do telhado da nossa casa, perto do lugar onde fazemos fogo, onde pega fumaça, para proteger dos bichos.

No início do inverno é quando tiramos as sementes para guardar. Então batemos as fibras do algodão com uma vara de buriti sobre a esteira *mitu*, e assim o algodão fica pronto para começarmos a fiar e fazer os novelos. Embrulhamos as sementes em folhas de arumã ou da palmeira *marari japu*, amarramos com cipó e guardamos em uma cabaça ou dentro de um recipiente de cerâmica. Assim guardamos as sementes.



Como aprendemos e ensinamos a tecer



O nosso conhecimento é ensinado entre as diferentes gerações. São as nossas avós que nos ensinam a fiar o algodão e por isso não esquecemos. As avós chamam suas netas para acompanhar o trabalho com o algodão desde crianças: "Vem me acompanhar, minha neta, para aprender comigo!" No início, elas só olham. Quando têm oito anos, começam a aprender a fiar o algodão, ao lado da avó e da mãe.

E também junto com a mãe e com a avó que elas aprendem a plantar nos lugares certos, a tirar o algodão da árvore e separar o algodão da semente. Mas precisamos ter cuidado: crianças não podem mexer com a flor do algodão, senão podem pegar uma febre que não passa. As mulheres mais velhas conversam com suas netas sobre como cuidar do algodão, como conversar com ele na hora de plantar. Também contam as histórias do algodão para elas aprenderem e repassarem para suas filhas e netas no futuro.

"Já aprendeu a fiar, agora vai aprender a tecer, minha neta", é o que falamos para elas. Depois que as meninas já sabem fazer bem o fio do algodão, nós ensinamos a tecer. Primeiro falamos para elas olharem a gente enrolar o fio no tear. Enrolamos até a metade e depois falamos para elas enrolarem até o final. O próximo passo é fazer o *ijarawai* – um trançado que serve para intercalar as duas camadas de fios do tear. Quando estamos tecendo, puxamos o *ijarawai*, enfiamos uma peça de madeira chamada *soarapa* entre as duas camadas e então passamos o fio que faz a trama entre as camadas.



Ensinamos da mesma forma: mostramos como se faz, começamos a fazer e pedimos para elas continuarem. Fazemos a metade e depois mandamos elas fazerem até o final, olhando elas fazerem. Com o tempo, elas começam a fazer sozinhas, nos mostrando para perguntar se está certo.

TRATAMENTOS PARA AS CRIANÇAS APRENDEREM A FAZER BEM OS GRAFISMOS

Ninhos de pássaros

Usamos ninhos de japiim e do pássaro *wyrakitõ* para trabalhar bem. Tiramos os ninhos, queimamos e colocamos as mãos em cima da fumaça. Depois de queimar tudo, pegamos o carvão para misturar com água em uma panela, que usamos para lavar as mãos das crianças, meninas e meninos, para aprenderem muito bem a fazer os grafismos *kusiwarã*. Assim, o princípio vital (*i'ã*) desses ninhos passa para as mãos das meninas que estão aprendendo a tecer, e elas ficam muito interessadas e aprendem rápido a fazer vários tipos de tipoias e redes com grafismos.

Mãos de quati

Usamos as mãos do quati moqueadas para "arranhar" as mãos das crianças. Assim, o princípio vital do quati vai para as mãos delas, e elas aprendem a fiar muito rápido e também a tecer rápido tipoias e redes.

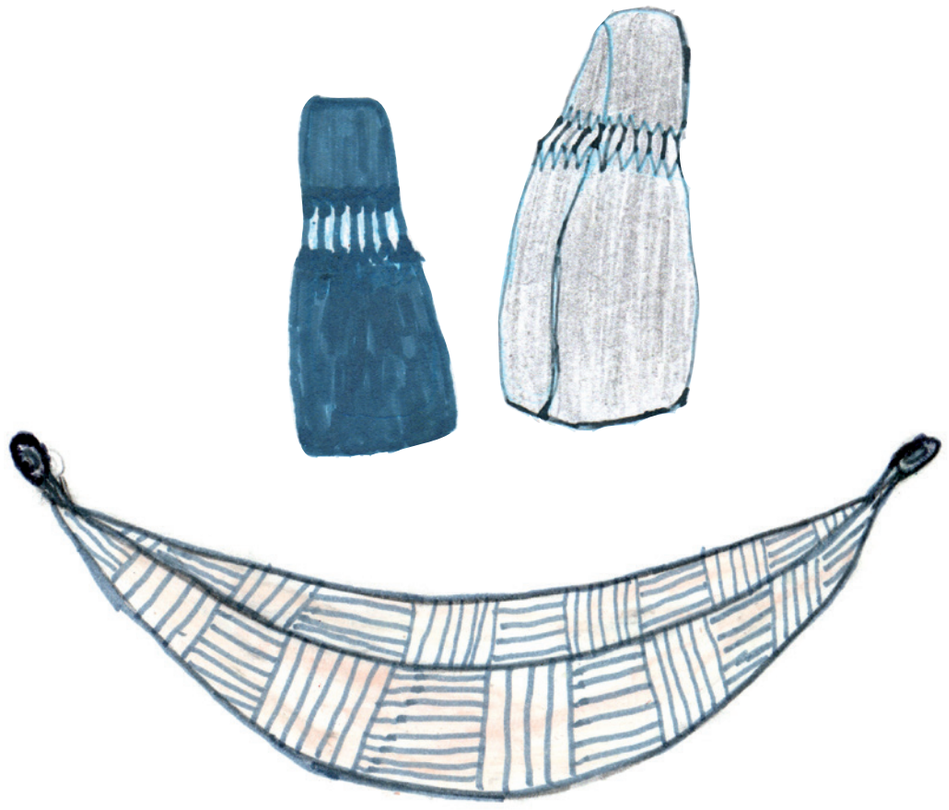
Folhas desenhadas por moscas

Também usamos folhas marcadas com desenhos feitos pelas moscas. Nós tiramos as folhas desenhadas pelas moscas, amassamos nas mãos, colocamos em uma panela com água e depois lavamos as mãos das crianças. Assim as crianças vão aprender muito bem a fazer os grafismos nas tipoias e nas redes, além de aprenderem bem a escrever e desenhar.

Folha de namu

A folha do namu tem um desenho muito bonito, parecido com uma costela. Usamos essa folha para nossas crianças aprenderem bem a fazer os grafismos. Tiramos a folha, amassamos bem com as mãos, misturamos com água e depois lavamos as mãos das crianças. Também esquentamos a folha no fogo e colocamos em cima das mãos das crianças, tanto meninas quanto meninos. O princípio vital do dono do *namu* passa sabedoria para as crianças e faz com que elas aprendam bem os grafismos.

O que produzimos com nosso algodão



Antigamente nós não usávamos as coisas dos *karai kõ* (não-indígenas) – fabricávamos tudo o que precisávamos para viver bem utilizando os materiais disponíveis na nossa terra. Hoje em dia usamos e compramos várias coisas dos não-indígenas e também vendemos alguns produtos para eles, principalmente através da nossa associação Awatac (Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura).



Nós, mulheres, fazemos vários tipos de utensílios com o algodão, como a rede *ini* (rede de trama fechada, feita com fio grosso), a rede *sawyra* (de trama aberta, feita com fio médio), saias (feitas com um tipo de fio bem fino) e bolsas. Também usamos algodão para produzir cintos, colares e pulseiras, que usamos para ficar mais bonitas.





Além disso, criamos vários tipos de tipoia, como, por exemplo, a tipoia *teju sĩgwerã* (nariz de lagarto), que tem uma trama aberta e que só usamos para carregar meninos. Tipoias são um tipo de rede bem pequena que penduramos nos ombros para carregar nossos bebês. Temos que cuidar bem das tipoias, porque o princípio vital (*i'ã*) das crianças fica preso nelas. Não podemos jogar uma tipoia no chão nem no rio, senão o dono da terra (*yvyjarã*) ou o dono do rio (*yyjarã*) podem ficar bravos e levar embora o princípio vital da criança, fazendo ela adoecer. Quando acontece isso, só o pajé consegue trazer o *i'ã* da criança de volta e fazer passar a febre.



Produzimos tipoias, redes, bolsas e outras peças para usar, para vender ou para dar de presente para outras pessoas. Quando uma moça vai ter seu primeiro filho, quem faz a tipoia para ela é a sua avó. Quando a mocinha faz uma rede pela primeira vez, a mãe dela não



pode dar para outra pessoa, senão ela vai esquecer como se faz. Por isso, a mãe da moça tem que cuidar bem da rede que a filha dela fez.

Nossos fios de algodão também são usados na produção de instrumentos musicais, servindo para fazer a amarração do *awai* (chocalho de pé) e do *takwari* (tipo de flauta), além de serem usados na amarração de flechas, cocares e peneiras. Antigamente usávamos fios de algodão para amarrar nossos anzóis, para pescar. Em algumas festas, usamos a fibra do algodão não fiado para decorar miniaturas de pássaros que são amarradas na ponta de varas compridas.







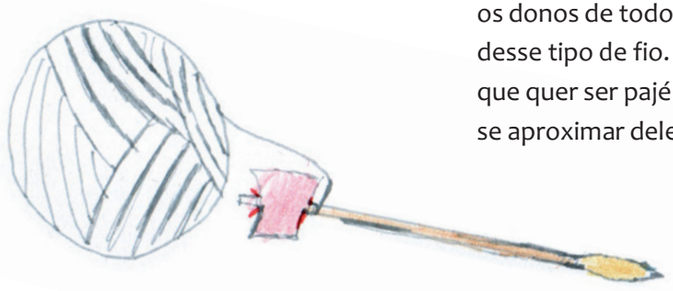
Como fazemos nossa tecelagem



Não tem tempo certo para fiar e tecer – as mulheres podem trabalhar com algodão em qualquer época do ano. Mas no verão temos menos tempo para isso, porque temos muitos outros trabalhos; no inverno, tempo das chuvas, temos mais tempo para fazer nossa tecelagem. Temos uma regra para fiar o algodão: as moças novas não podem fiar no final da tarde, senão o dono do pássaro *japu* vem furar os olhos delas e elas poderão ter problemas de visão no futuro. Só as mulheres mais velhas podem fiar à noite, quando já está escuro. Antigamente, nossas avós fiavam à noite quando não tinham tempo durante o dia, usando a luz da lua cheia ou queimando uma resina chamada breu para iluminar.







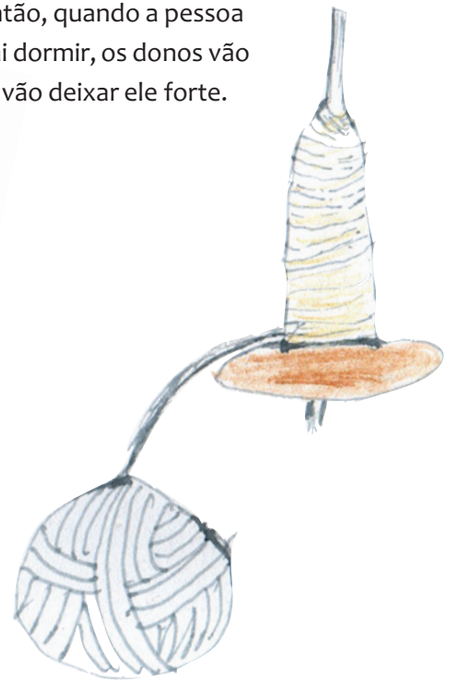


Tipos de fios

Nimo pou é um fio mais grosso que fazemos com qualquer tipo de algodão. Esse fio é bom para fazer redes, linha de pesca, cinto, colares de algodão.

Nimo'i é um fio forte e bem fininho. Para fazer esse fio usamos o algodão do tipo *nimo'i'y* ou *nimau*. E muito bom para amarrar os cocares *akanytarã* e *samere*, para fazer flechas, tipoias, pulseiras e colares com sementes.

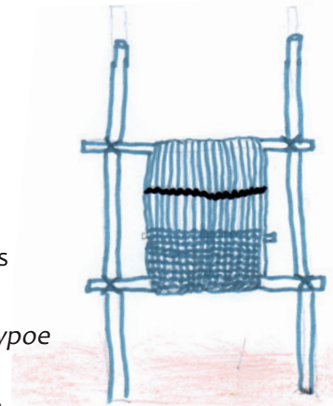
Nimo paje é um fio que fiamos de jeito diferente, girando o fuso para o lado contrário, no sentido inverso do que costumamos fazer. O fio fica bem forte e macio. A rede fica bem macia. Usamos esse fio para fazer rede para quem quer ser pajé, porque os donos de todos os seres (*ijarã kõ*) gostam desse tipo de fio. Então, quando a pessoa que quer ser pajé vai dormir, os donos vão se aproximar dele e vão deixar ele forte.

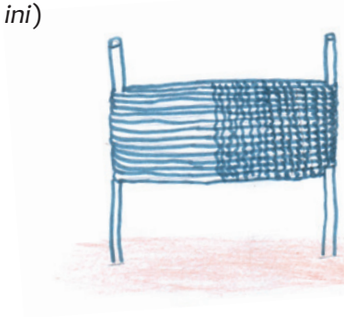


Tipos de tramas

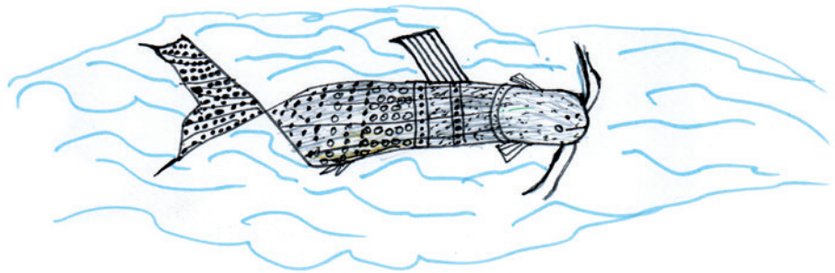
Para fazer as tipoias nós cortamos alguns pedaços de pau e os amarramos na vertical e horizontal dentro da nossa casa, fazendo um tear. Depois enrolamos o algodão nele para ir tecendo. Usamos três técnicas diferentes para tecer nossas tipoias: *sawyra* (trama aberta), *typoe jimojã* (trama fechada utilizando a alça *ijarawai*) e *typoe kusiwarã* (trama fechada, com grafismos, que não utiliza *ijarawai*). Cada técnica de tecelagem produz tipos diferentes de tipoias e redes. Nós também fazemos redes de trama fechada (que chamamos de *ini*) com grafismos ou sem grafismos.

As tipoias que tecemos com a alça de algodão *ijarawai* podem ser lisas (*typoe e'e*), ou listradas, com um padrão que chamamos de *tapi'ira ra'yry* (filhote de anta). As tipoias de trama aberta, que chamamos *sawyra*, podem ter dois tipos de amarração: *typoe jiõpegwerã* ou *kurewaru kãgwerã*, que usamos para carregar as meninas, e *typoe tejusigwerã*, que usamos para os meninos.









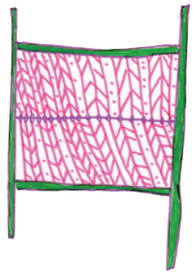


Grafismos

Nós Wajãpi temos vários grafismos que chamamos de *kusiwarã*. Usamos alguns desses grafismos na nossa tecelagem:

- *Orõpẽ araveka* é um tipo de peneira de trama bem fechada;
- *Arapo terẽ* é o desenho do peixe sarapó reto;
- *Javĩ pirerã* é o desenho do casco do jabuti;
- *Suruvi kusiwarã* é o desenho do peixe surubim;
- *Wanani rapo* é a desenho da raiz da árvore *wanani*;
- *Wakari kãgwerã* é o desenho da espinha do peixe acari;
- *Arapo kani kani* é o desenho do peixe sarapó em zigue-zague;
- *Maseweri* é o desenho de um pássaro pequeno que voa bem alto em cima de rios grandes e do oceano;
- *Tapija'i rena* é o desenho da casa da formiga tucandeira;
- *Paku kãgwerã* é o desenho da espinha do peixe pacu;
- *Kurewaru kãgwerã* é o desenho da espinha do lagarto *kurewaru*;
- *Jawara rovã kwerã* é o desenho do focinho da onça;
- *Tapi'ira ra'yry* é o desenho do filhote de anta.

















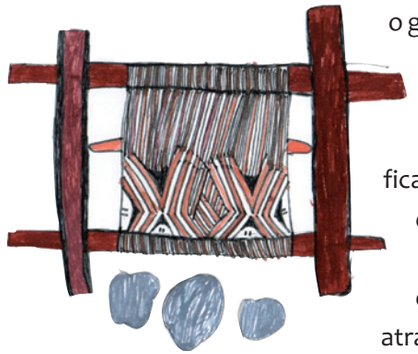


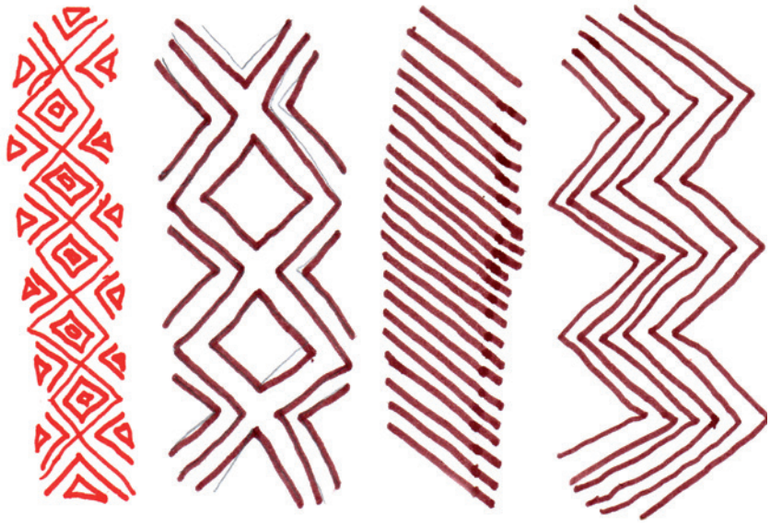




Regras para uso dos grafismos

Temos que ter cuidado para usar alguns grafismos nas tipoias, porque o princípio vital de cada animal representado passa para a tipoia e, através dela, também pode passar para a criança. *Orõpe araveka*, que é o grafismo da peneira de trama fechada, não pode ser tecido pela mãe nem usado pelo bebê, quando a criança é recém-nascida, porque pode matar a criança de repente. Já a tipoia com o padrão de filhote de anta é boa para a criança ficar bem forte no futuro. Também é bom usar o grafismo da formiga tucandeira nas tipoias, para as crianças não terem preguiça quando crescerem. Isso acontece porque o princípio vital da anta e da formiga passam para a criança através das tipoias. De qualquer forma, para crianças recém-nascidas nós só usamos tipoias sem desenhos. Depois que a criança tem dois meses já podemos começar a usar tipoias com grafismos.





Tinturas

Nós pintamos o algodão com tintas que temos na floresta ou plantadas. As tintas que conhecemos hoje são: urucum, jenipapo, *karimako*, *peke´a pirerã*, *takaraveru*, *turiri*, *akarajuru* e *jãa'y pirerã*.

Karimako é uma fruta bem pequenininha de cor de preta. Essa fruta serve para pintar o algodão quando queremos desenhar nossos grafismos na peça que estamos tecendo.



Peke´a pirerã é a casca dura do pequi. Misturamos essa casca com barro branco em uma panela com um pouco de água. Depois, mergulhamos o novelo de algodão nessa mistura, tiramos e deixamos secar no sol. Assim, também pintamos o algodão de preto.





Takaraveru é uma árvore que tem a folha roxa. Nós colhemos essa folha e esmagamos ela com as mãos dentro de uma cuia, colocando um pouco de água. Essa fruta é muita boa para pintar o algodão de roxo.

Plantamos urucum perto das nossas casas e tiramos sua fruta para pintar o algodão de vermelho. Colocamos as sementes em uma panela com água e esmagamos, depois deixamos o algodão de molho. Também usamos a raiz do urucum para pintar o algodão de laranja.





Turiri é uma árvore parecida com o ingazeiro, mas que tem uma fruta um pouco diferente. Para fazer essa tinta, tiramos a casca da árvore e retiramos a fibra que fica na parte de dentro dessa casca. Colocamos a resina *turi* (um tipo de breu) para queimar, cobrindo com uma panela emborcada até sair fumaça. Depois, colocamos a fibra do *turiri* dentro da panela e misturamos bem com a fuligem do breu que ficou grudada nela. Assim fazemos uma tinta preta para pintar os fios de algodão. Quando esfria, nós pintamos os fios e depois colocamos o algodão no sol para secar, para ficar com a cor bem forte e fixar bem a tinta, para não desbotar.



O jenipapo é uma fruta que usamos para fazer tinta preta. Primeiro nós ralamos a fruta, depois espremememos para tirar o suco dela. Depois disso, colocamos o algodão dentro desse líquido para ficar bem pretinho.



Akarajuru é um cipó que tem nas nossas florestas. Tiramos as folhas desse cipó para fazer uma tinta vermelha. Amassamos as folhas, espremememos dentro de uma cuia e colocamos o algodão de molho, antes de fiar. Deixamos um pouco de molho, tiramos e deixamos secar no sol. Depois fiamos o algodão e repetimos o mesmo processo com o fio pronto.

Jãa'y pirerã é a casca da castanha, que as comunidades da região do Aruwa'ity usam para fazer um tipo de tinta para pintar o algodão de preto. Nós batemos a casca em cima de uma madeira dura para misturar com barro, e depois colocamos o fio de algodão dentro dessa mistura. Quando retiramos, colocamos no sol para secar bem.

NOSSOS INSTRUMENTOS DE TRABALHO

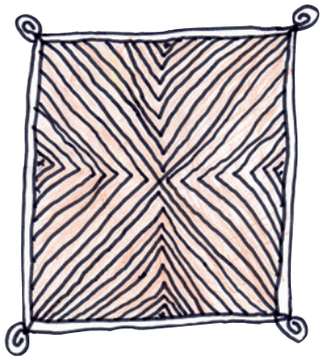


Fusos

Temos tipos diferentes de fuso (*re'ã*) para fiar o algodão. Usamos um fuso médio para fiar o algodão logo depois de batido e um fuso grande para juntar dois fios. Também temos um fuso pequeno para fiar o fio fino.

Os fusos devem ser feitos pelos homens para as mulheres. A haste (ou eixo) do fuso pode ser feita da mesma madeira usada na fabricação de arcos ou de um talo de folha de palmeira. O disco que é encaixado neste eixo é feito com um pedaço de cabaça. A madeira pode ser de arco vermelho (*paira pirã*), amarelo (*paira tawa*), colorido (*paira wirĩ*), listrado (*warapa'y*) ou *pairaranã* (um tipo de *paira* que não é bom para fazer arco). O talo de palha pode ser de palmeiras como inajá, curuá ou *warakuri*.





Esteira mitu

Mitu é uma esteira feita com a folha da bacabeira que utilizamos como base para bater o algodão. É responsabilidade dos homens fazer a *mitu* para suas esposas, para que elas possam trabalhar bem com o algodão.

Soarapa



Soarapa é uma peça de madeira que usamos para selecionar os fios verticais do nosso tear, abrindo o caminho para enfiarmos o fio horizontal. Ela também serve para bater o fio horizontal, para deixar a trama bem fechada e alinhada.

Essa peça não pode ser feita de qualquer madeira. Algumas árvores que têm madeira boa para isso são *paira*, *yviro*, *javĩ'y*, *kapya'i'y*, *taivĩ'y* e *turi parapo*. Tiramos uma lasca do tronco da árvore com machado ou facão e vamos desbastando até ficar do tamanho que queremos, depois alisamos com uma faca, até o *soarapa* ficar bem liso. Usamos um *soarapa* grande para fazer redes e um médio para fazer tipoias. Nós sabemos fazer essa peça, mas isso não é trabalho das mulheres – são os homens que devem fabricar o *soarapa* para suas esposas.

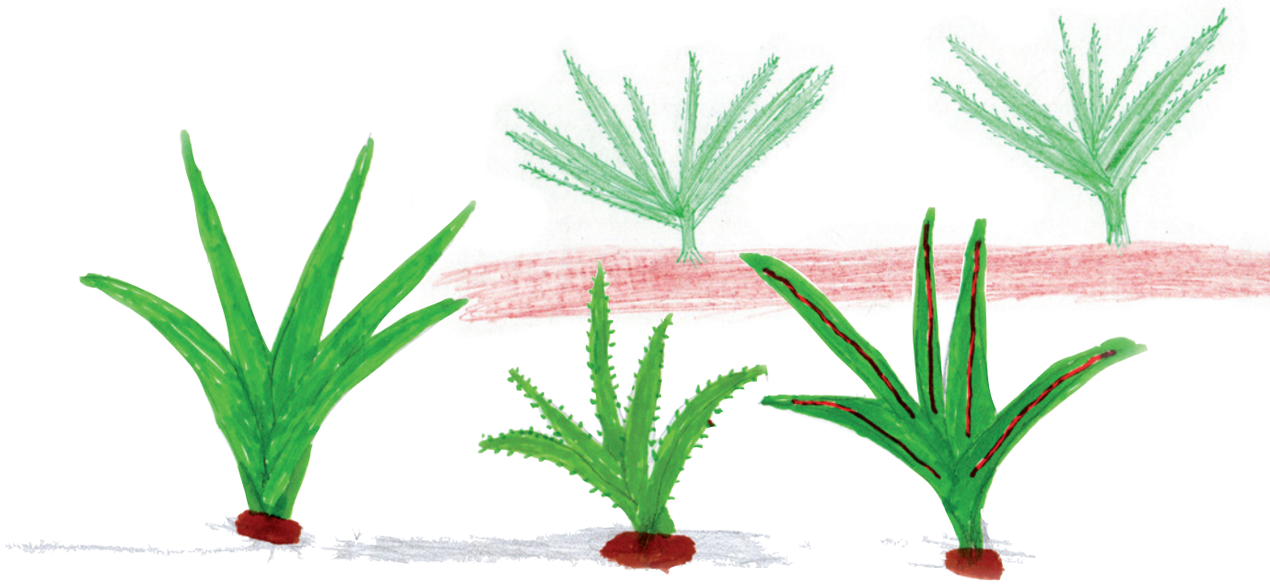
Fazer os punhos da rede é trabalho dos homens

Para finalizar nossas redes de algodão, precisamos da fibra de curauá para fazer os punhos. Por isso os homens devem plantar bem o curauá, assim como devemos plantar bem o algodão, senão não teremos nossas redes para dormir.

Da mesma forma que o algodão, temos tipos diferentes de curauá.

O *kurawa tãsĩ* tem espinhos grandes na borda das folhas. Esse tipo de curauá é bom para fazer o punho das redes porque ele é mais resistente. Existe outro tipo, que chamamos de *kurawa o'ãjã mã'e*, que tem listras mais claras ao longo da folha.

Para preparar os punhos da rede, os homens tiram a fibra do curauá, esticam e colocam no sol para secar. Depois, juntam dois fios, enrolando um no outro, para ficar mais resistente. No final, pintam os punhos com *ymy'ypope*, um tipo de tinta que tiramos de um cipó.



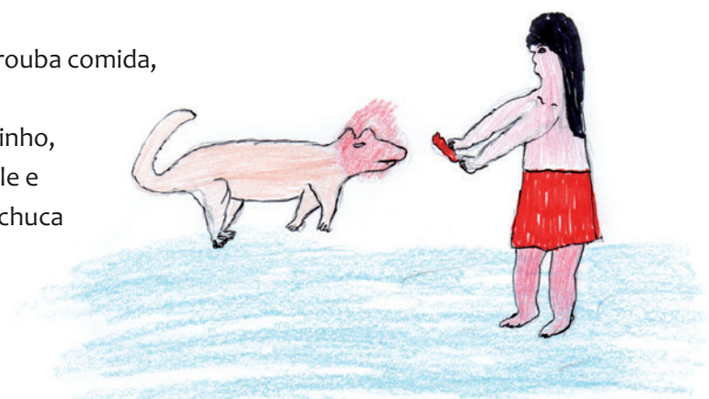
Outros usos do algodão

Comunicação com a família

Quando alguém da nossa família está longe, sem nenhum jeito de se comunicar, pegamos uma semente de algodão e colocamos dentro da brasa quente para saber se a pessoa está viva. Se a semente explode é porque a pessoa está bem. Se não explode, ficamos preocupadas, porque significa que a pessoa não está viva. Usamos isso para saber como estão nossos maridos quando saem para caçar e demoram para voltar, ou para saber como estão nossos familiares que moram em aldeias distantes.

Educação dos cachorros

Quando um cachorro rouba comida, abrimos um chumaço de algodão até ficar bem fininho, colocamos no focinho dele e colocamos fogo. Não machuca o cachorro, não queima, só assusta. Assim ele aprende que não pode roubar a comida.



Educação dos jovens

Quando uma moça pega alguma coisa que não é dela, também colocamos um algodão bem aberto, bem fininho, nas mãos dela, e colocamos fogo. Ele queima bem rápido e desaparece. Não queima as mãos dela, mas ela aprende que não pode pegar as coisas dos outros. Também fazemos isso quando uma moça está com preguiça de fiar algodão, assim a preguiça dela vai embora. Depois disso ela vai trabalhar bem com algodão.

Com os meninos também fazemos a mesma coisa, para aprenderem a não pegar as coisas que não são deles e para espantar a preguiça de suas mãos. Assim eles começam a trabalhar bem.



Remédios

Quando uma pessoa está com um tipo de "bicho de pé" (*evo'i eso upa*), com muita coceira, pegamos algumas folhas de algodão, esquentamos no fogo e colocamos no pé dela, envolvendo o local que está coçando. Quando as folhas esfriam, esquentamos de novo e colocamos mais uma vez sobre o pé. Repetimos esse procedimento várias vezes por alguns dias, até ficar bom. Quando a coceira é causada por frieira também fazemos a mesma coisa, colocando as folhas entre os dedos do pé.

Para gripe e febre, fazemos um chá com folhas de algodão, gengibre, folhas ou frutas de limão. Fervemos e esperamos esfriar, então podemos dar para a pessoa adoentada beber ou tomar banho com o chá.



Quando uma criança fica muitos dias com prisão de ventre, pegamos um fio de algodão e fazemos um laço. Desatamos o laço em cima da barriga da criança e massageamos a barriga dela, dizendo: "*Tere karu katu, tere posi katu*!" ("Faz xixi bem, faz cocô bem!"). Isso faz passar a prisão de ventre e os gases.

Quando tem alguém tem uma ferida causada por picada de cobra, espinho ou frieira, usamos folhas e galhos de *mynyju pirã* (algodão vermelho) para passar na ferida.

Contagem do tempo



Antigamente, nós amarrávamos pedaços de carvão em um fio de algodão para contar os dias. Quando nossos maridos saíam para caçar, amarrávamos a quantidade de carvão certa para cada dia que ele estaria no mato, assim sabíamos quando ele estava chegando em casa de volta. A cada dia que passava, retirávamos um pedaço de carvão do fio, contando a passagem dos dias. Era assim também que sabíamos o dia certo para começar a fazer o caxiri – nossa bebida fermentada – para receber nossos maridos quando chegassem.

Brinquedo para as crianças

Sabemos fazer vários tipos de desenhos com um fio de algodão preso nos nossos dedos da mão, para brincar com as crianças. Ensinamos para elas, desde pequenas, os desenhos da paxiúba, paxiúba dupla, peixe, teia de aranha, cesto *rykyry*, banco, estrela, sapo, olho de caranguejo, caminho da minhoca e espinha do lagarto *kurewaru*.

PAKITU WAIÃPI (24/10/2023)



Akyky Mynyju



Anõ



Mynyju A'ãiavituma'e



Kure Mynyju



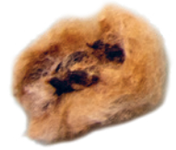
Nimo'i'y



Mynyju Ta'ãiãtã



Mynyju Wasu

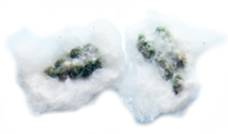


Tapupura Mynyju

AJAREATY WAIÃPI (24/10/2023)



Akyky Amynyju



Kure Amynyju



Mynyju Syry



Kure Tã'aipijõ



Mynyju Tã'ãi Avitu



Mynyjuu



Tapupurã

Painel produzido em oficina, mostrando variedades de algodão cultivadas por mulheres de diferentes grupos locais da Terra Indígena Wajãpi.











Tratamentos para fiar bem. No alto, aldeia Komakawyry. Ao lado, aldeia Kwapo'ywyry.





Variedades de sementes de algodão em diferentes regiões.







No alto, flor de algodão. No centro, algodão recém colhido, aldeia Taperyva. Abaixo, colheita do algodão, aldeia CTA.







Colheita de algodão, aldeia Kumerere.













Transmissão de conhecimentos sobre tecelagem. Página 60 (anterior), aldeia Pairakae. Página 61, aldeia Taperyva.











No alto, limpando e retirando as sementes do algodão, aldeia Ytape. No centro, retirando as sementes, aldeia Saimara. Abaixo, batendo as fibras do algodão, aldeia Aruwa'ity.







No alto, abrindo as fibras do algodão, aldeia CTA. No centro, alinhando as fibras, aldeia Kwapo'ywyry. Abaixo, fiando algodão, aldeia Kumerere.













No alto e na página anterior, transmissão de conhecimento sobre tecelagem. No centro, fusos (*re'ã*) e cestos para armazenamento de algodão. Abaixo, diferentes etapas do processamento do algodão para tecelagem, aldeia Wakowã.

No alto, diferentes tipos de *soarapa*; aldeia Pairakae. Demais fotos, produção de teares para oficina de tecelagem, aldeia Ytape.











Transmissão de conhecimentos sobre tecelagem de tipoia com grafismo, aldeia Komakawyry.







Transmissão de conhecimentos sobre tecelagem de tipoia do tipo *sawyra*, aldeia Yvyrareta.



Transmissão de conhecimentos sobre tecelagem de rede *Ini* sem grafismo (com uso de *ijarawai*), aldeia Kwapo'ywyry.









Produção de saia (com uso de *ijarawai*), aldeia CTA.











Tinturas.
Nesta página,
***karimako*,**
aldeia
Aruwa'ity.









Tinturas.
No alto, casca
da árvore
de urucum e
açafrão, aldeia
Jerusama.
No centro
e abaixo,
***takaraveru*,**
urucum e
jenipapo,
aldeia
Komakawyry.



Fio fino (*nimo'i*), utilizado na confecção de flechas, aldeia Akaju.



No alto, uso de tipoia com grafismo, aldeia Ytape. Abaixo, uso de rede de trama aberta (*sawyra*), aldeia Manilha.





No alto, uso de tipoia de trama aberta (*sawyra*), aldeia Kwapo'ywyry. Demais imagens, bolsa e tipoias produzidas para comercialização na AWATAC.







Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tecendo algodão : saberes e práticas das mulheres Wajãpi. -- São Paulo : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2026.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89357-19-3

1. Algodão - Aspectos ambientais 2. Algodão - Cultivo 3. Ancestralidade 4. Mulheres indígenas 5. Sabedoria.

26-380614.0 CDD-633.51

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres indígenas : Algodão : Cultivo : Agricultura 633.51

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena
Rua Ariosto Buller Souto, 134 – 05615-030 São Paulo SP
Avenida dos Caramuru, 281 – 68902-100 Macapá AP

Para saber mais sobre o Iepé, consulte
www.institutoiepe.org.br

Antigamente, o algodão se fiava sozinho. Não só ele se fiava sozinho, como também as redes, as tipoias e as saias se teciam sozinhas. Mas a nossa avó não queria que o algodão se fiasse sozinho, então pediu para Janejarã ensinar ela a fiar com as próprias mãos. Ela disse que queria trabalhar, não queria ficar só olhando. Janejarã disse: "Tu vai demorar muito para fiar, não vai acostumar, vai ficar com as mãos cansadas." Mas ela respondeu: "Não, eu quero fazer eu mesma, eu vou conseguir!" Ele ficou bravo e disse que então não iria fazer mais nada para ela. Janejarã mandou o princípio vital (i'ã) para as mãos da nossa avó, e a partir daquele momento a fiação e tecelagem do algodão se transformaram em trabalhos das mulheres, como são até hoje.

CONSELHO DAS ALDEIAS WAJÃPI APINA

iepé

AWATAC
ASSOCIAÇÃO WAJÃPI TERRA, AMBIENTE E CULTURA

União Europeia

Rainforest Foundation Norway

ISBN: 978-65-89357-19-3
9 786589 357193
CBL